

**40º Encontro Anual da Anpocs**

**24 a 28 de outubro de 2016**

**ST11 – Dinâmicas subjetivas e espaço público:  
gramáticas emocionais, corporais e estéticas**

*A luta está no sangue: motivações subjetivas à participação em  
movimentos de moradia de São Paulo*

**Carlos Filadelfo (FESP-SP/UNIMES)**

## Introdução

Este paper apresenta um recorte específico de minha tese de doutorado (FILADELFO, 2015), uma etnografia sobre um movimento de moradia com atuação na periferia da cidade de São Paulo: o Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra Leste I (ou apenas Leste I). A Leste I é um movimento social urbano de caráter popular que articula famílias de baixa renda com o objetivo de obterem atendimento definitivo por programas habitacionais públicos. Busca principalmente conquistar e obter terrenos para construção de moradias por meio de mutirões autogestionários com financiamento público, mecanismos de construção de empreendimentos que conta com a mão de obra das próprias famílias no controle e execução das obras.

A tese pretendeu levar a sério a utilização de *família*<sup>1</sup> como um termo de uso constante e fundamental para os movimentos de moradia, a fim de analisar seus diferentes usos e sentidos e perceber seus efeitos e funcionamentos cotidianos e políticos. Buscou-se igualmente explorar quais eram as diferentes configurações familiares encontradas, como a composição, perspectivas e aspirações dessas famílias se combinam às ações dos movimentos e como suas escolhas de onde e como morar podem influenciar seu atendimento habitacional. Foi possível perceber que casa, família, parentesco e outras relacionalidades são centrais para a atuação dos movimentos e se combinam de diferentes formas a práticas, saberes e discursos subsumidos no termo *política*. Além disso, uma série de atributos pessoais e coletivos, moralidades e reputações são indispensáveis para uma compreensão dos processos de atendimento habitacional das *famílias* pesquisadas.

É sobre esse último ponto, mais especificamente, que me deterei neste paper, que pretende discutir as motivações subjetivas que levam famílias a se engajarem e se mobilizarem na Leste I a partir de narrativas de mutirantes da Leste I participantes do Unidos Venceremos, conjunto habitacional construído com autogestão no distrito de Cidade Tiradentes, na zona leste paulistana.

É importante afirmar que será dada especial atenção à multiplicidade de significados e atributos de *família*. Esse termo apresenta uma acentuada polissemia, o que leva à necessidade de se descrevê-lo em ato a fim de se apreender os seus diferentes usos e sentidos, as suas diferentes conotações. Nesse sentido, analiso os discursos e narrativas a partir da inter-relação entre os contextos de enunciação, a própria narrativa,

---

<sup>1</sup> Ao longo deste paper, termos e expressões que possuam um uso particular para meus interlocutores, cujos sentidos buscarei descrever e explorar analiticamente, serão grafados em itálico, a exemplo de *famílias*.

ou os termos utilizados, e uma abordagem mais ampla dos contextos trazidos pelas narrativas e pelos termos<sup>2</sup>.

Por outro lado, o uso cotidiano de *família* também traz um vocabulário próprio a arranjos familiares, a parentes, a uma lógica de julgamentos e avaliações morais contínuos que permitem aprofundar o conhecimento sobre os movimentos de moradia, para além de perspectivas concentradas sobre grandes questões propriamente políticas e urbanísticas, ou assim percebidas pelos analistas, em torno de conceitos como os de direitos, cidadania e democracia ou de conflitos e negociações com o Estado. Assim, em sentido contrário, partirei principalmente das relações intra e interfamiliares, das perspectivas dessas famílias em torno da casa própria e da participação no movimento e no mutirão e das práticas e discursos sobre o termo *famílias* no interior do movimento, a fim de constatar em que medida elas se articulam ao universo mais político e institucional dos movimentos de moradia<sup>3</sup>.

Com esse objetivo, o texto ora apresentado inicialmente fará uma breve contextualização do movimento em questão, bem como das motivações mais objetivas das famílias integrantes para ingressarem no movimento. Em seguida, será discutido o ingresso no movimento, o tempo subjetivo e variável de espera do atendimento de participação das reuniões e, por fim, as reputações, atributos e moralidades *da luta*, tidos como indispensáveis para a conquista da casa própria por meio do movimento. Questões relativas a parentesco, gênero e corpo tendem a ser acionadas para legitimar e justificar um engajamento longo e que exige muita perseverança. Conclusivamente, buscarei sistematizar algumas contribuições que este paper pode trazer para as análises sobre movimentos de moradia.

### **As famílias e o movimento Leste I**

A partir de narrativas de famílias mutirantes da Leste I, foi possível constatar que suas trajetórias familiares e habitacionais anteriores ao ingresso no movimento dotavam o objetivo de conquista de uma casa própria de uma forte centralidade em suas vidas. A

---

<sup>2</sup> Ver, a esse respeito, Bauman (1975), que propõe uma metodologia de análise de narrativas a partir de seus três aspectos: narrativa, evento narrado e evento narrativo.

<sup>3</sup> Em sentido análogo ao trilhado por pesquisas como a de John Comerford (2003, p. 21) sobre o sindicalismo rural, compreendido não por uma perspectiva institucional, mas a partir das “relações de família, parentesco e amizade, as avaliações e julgamentos morais, os comentários e narrativas cotidianos, as amizades e inimizades e sua dinâmica, as lealdades e compromissos da política eleitoral”.

procura do movimento corresponderia assim à busca de um mecanismo necessário ao esforço de obtenção dessa casa.

Em geral, são as dificuldades familiares e habitacionais anteriores, associadas ao sonho de se ter uma casa própria, espaço de autonomia, independência, tranquilidade financeira e, no caso de famílias com filhos, possibilidades de oferta de melhores condições de vida aos filhos do que os pais tiveram, que levam à procura da Leste I. Mas veremos que obviamente essas causas, por mais concretas que sejam, não são condições suficientes para o ingresso e a permanência no movimento.

A partir do momento em que se ingressa no movimento é que essas pessoas passarão a se reconhecer e a serem reconhecidas pelos diversos integrantes da Leste I como *famílias*. Mas antes de adentrarmos nas questões relativas ao ingresso no movimento, é fundamental uma breve apresentação da coletividade intitulada Leste I e de alguns elementos de sua atuação política.

A Leste I, fundada em 1987, a partir de um contexto de múltiplas ocupações de terras urbanas nas periferias da cidade de São Paulo, institucionalmente se subdivide em *grupos de origem* – agrupamentos que correspondem à porta de entrada de novas famílias, associações de ocupações e conjuntos habitacionais conquistados, coordenações locais e gerais. Além disso, a Leste I é filiada à União dos Movimentos de Moradia de São Paulo (UMM), criada em 1998, que articula uma série de movimentos no estado de São Paulo, bem como participa da União Nacional por Moradia Popular (UNMP), que congrega uniões de movimentos de moradia em diversos estados brasileiros.

Como se vê, a Leste I transita entre diferentes níveis territoriais e relacionais na luta por obtenção de moradia para suas famílias filiadas. De uma escala mais localizada territorialmente – nos grupos de origem, ocupações e conquistas – às negociações e conflitos específicos com os poderes públicos e às articulações com outros movimentos de moradia e com a UMM, atuando em prol de ampliação das políticas habitacionais para a população de mais baixa renda não só na zona leste da cidade, mas também em todo o município, em todo o estado e em todo o país. Para se pensar esse plano de relações segmentares, de composição de um segmento mais restrito (um grupo de origem) a um mais amplo (a UMM) em planos geográficos cada vez mais abrangentes (de um bairro a todo o estado de São Paulo), é de fundamental importância se entender primeiramente os grupos de origem, nos quais ingressam a todo momento novas famílias e de onde sai boa parte das lideranças da Leste I e da UMM.

Os grupos de origem são desdobramentos dos modelos das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Sua atuação territorial mimetiza a organização territorial da Igreja Católica na cidade de São Paulo na década de 1980. Se esta se dividia em regiões episcopais, setores e CEBs, o movimento terá sua organização calcada nessa estrutura. Dessa forma, quando constituído, o movimento Leste I correspondia à região episcopal Leste I e tinha coordenadores nos setores dessa região; cada setor, por sua vez, era dividido em *grupos de origem*, em geral coincidentes às CEBs<sup>4</sup>.

A Igreja Católica foi, assim, fundamental não só na organização territorial e política da Leste I como na própria semântica de seus discursos, ao gestar ideias e expressões em torno da importância da *união*, de se pensar e atuar *coletivamente* e não individualmente, da *luta* contra injustiças sociais, da *igualdade*, da ação aliada à paciência e a firmeza para se alcançar a *vitória*, da importância de uma *participação* ativa do povo oprimido e da necessidade de luta para o acesso a direitos (cf. CACCIA BAVA, 1988; IFFLY, 2010; SADER, 1988, p. 146-167). É claro que não se tratava unicamente de ideais e referenciais católicos e bíblicos. Havia uma combinação com referenciais vindos do marxismo e do sindicalismo, como indica a centralidade das categorias “trabalhadores” e “classe popular” para se referirem ao conjunto de “famílias” atendidas pelo movimento, dentro de uma lógica de luta de classes que define um acesso desigual a direitos de acesso à terra e à moradia privilegiando uma pequena parcela da população paulistana em detrimento da maioria da população pobre e trabalhadora residente nas periferias. Para isso, a atuação do movimento seria essencial não só para a obtenção de moradia, via mutirões com autogestão, como para a transformação da sociedade para um modelo mais justo e igualitário, próximo a ideais socialistas<sup>5</sup>.

Embora a articulação com a Igreja Católica atualmente não seja forte como na década de 1980 e as CEBs e a Teologia da Libertação tenham diminuído seu alcance na

---

<sup>4</sup> Essa divisão de todo o território da arquidiocese em regiões, subdivididas em setores e estes últimos em Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) correspondia a uma orientação mais progressista colocada por Dom Paulo Evaristo Arns quando assumiu a Arquidiocese de São Paulo nos anos 1970. Segundo Iffly (2010), tal divisão territorial tinha o propósito de descentralizar as estruturas de poder da Igreja Católica, trazê-la para mais perto do povo, de maneira democrática, mais participativa e não tão sujeita à hierarquia clerical.

<sup>5</sup> Assim, o trabalho de Gonçalves et al. (1990, p. 68) revela os princípios gerais fundantes da Leste I: “A primeira questão a ser ressaltada refere-se ao ideário veiculado pelo movimento que se apoia em critérios valorativos, como igualdade, solidariedade da classe trabalhadora, decisões coletivizadas, a luta como instrumento de conquista, dentre outros [...] O movimento popular, assegurando seu espaço na sociedade civil, contribui no processo de transformação social, aliado às demais forças sociais que partilham dessa finalidade”.

zona leste, é impossível pensar a Leste I sem considerar esses aspectos católicos na sua formação. Assim, os grupos de origem são a forma de entrada e organização inicial das *famílias*, inspiradas no formato das CEBs. Essa forma de organização é tida como fundamental para uma participação efetiva das *famílias* na luta para a obtenção e manutenção das *conquistas* do movimento Leste I.

Embora eu tenha apresentado apenas brevemente a gênese da Leste I, a importância das *famílias* na produção do movimento e suas perspectivas acerca da luta para a obtenção da casa própria tende a ficar um tanto obscurecida nessas grandes narrativas, um pouco em função de seu conjunto tender a ser homogeneizado pelas fontes analisadas, seja a partir de um recorte de classe social e de semelhantes e precárias condições de habitação, seja como indicador numérico dos integrantes dos grupos de origem, do movimento, das ocupações, dos mutirões e alvo de atendimentos habitacionais.

No entanto, o processo de formação a atuação organizacional e política da Leste I define um quadro institucional, semântico e de regras que orienta as práticas e discursos de suas *famílias*, que estabelecem a todo tempo posicionamentos, reputações e moralidades ocasionados pela forma como se dá sua participação, mas também por seus arranjos domésticos e familiares, levando a contínuas reconfigurações tanto de si como do movimento. A seguir, será feito um esforço de analisar a Leste I a partir de suas *famílias* e de como há uma constituição mútua das *famílias* e da Leste I nas narrativas e relações observadas.

### ***Quando comecei a participar das reuniões: o ingresso nos grupos de origem***

O termo *famílias* é usado para denominar o conjunto de integrantes organizados em grupos de origem<sup>6</sup> e nos mutirões (nesse último, também se usa *mutirantes*). Essa nomeação costuma ser atribuída aos indivíduos que participam mais ativamente das reuniões e ações da Leste I, independente do seu arranjo familiar e doméstico, ou do grupo doméstico que efetivamente se constituirá quando houver o atendimento. Assim, uma *família*, embora tenha como parâmetro de nomeação o fato de que o público

---

<sup>6</sup> Em entrevista realizada com uma antiga e importante liderança da Leste I, ela utilizou três expressões para se referir a esses grupos – *grupo de origem*, *grupo de base* e *grupo de moradia*. As três expressões são tratadas como sinônimos e os diferentes movimentos de moradia se dividem na utilização das três formas. No caso da Leste I, a primeira forma, *grupo de origem*, é a mais utilizada por seus integrantes e institucionalizada nos seus regulamentos internos.

atendido é constituído por famílias, mesmo com múltiplos arranjos, é recorrentemente utilizado em referência a um indivíduo, que pode tanto ser *representante* ou *titular* da família a ser atendida como solteiro/a ou uma pessoa que morará sozinha.

Primeiramente é importante destacar o grupo de origem como mecanismo de inserção de novos integrantes na Leste I, momento a partir do qual eles passam a ser reconhecidos, no interior do movimento e pelo próprio poder público, e a se reconhecerem como *famílias*.

O papel inicial dos grupos de origem é basicamente o de servir de *porta de entrada* para novas famílias na Leste I. O termo *origem* denota esse grupo como começo, ponto de partida da atuação política de seus integrantes, assim como o termo *base*, no caso de outros movimentos que se referem a esses grupos, de organização muito parecida, explicita a importância das famílias, que sustentam politicamente essas coletividades.

A partir do momento em que alguém entra no grupo de origem, ele se filia, passa a pagar uma mensalidade e é cadastrado como uma *família* a partir de uma declaração de renda e do número de integrantes de sua família e está sujeito ao critério de pontuação para obter atendimento<sup>7</sup>. Esses grupos costumam ser territorializados, localizados em bairros específicos e nomeados pelo bairro ou pelo local onde se encontram (em geral igrejas católicas), e próximos às residências das famílias integrantes (ainda que existam *famílias* que participem em grupos distantes de seus locais de moradia). As reuniões são regulares, geralmente quinzenais, e há um intenso trabalho de *formação* dos novos integrantes. Nas reuniões são passados os regulamentos, além de serem momentos onde há a conformação de discursos das péssimas condições de habitação e dos direitos à habitação, informações sobre o andamento de negociações sobre possíveis terrenos e projetos habitacionais, informes políticos, agenda de manifestações, passeatas e caravanas e que é só através de *luta* que se consegue sua *moradia digna*.

As *famílias* dos grupos de origem são contabilizadas e passam a compor uma lista de espera para atendimentos futuros. Quando há um novo empreendimento habitacional, é formada uma *demand*a, constituída de famílias de diversos grupos de origem. E quando finalmente há o atendimento, é o número de unidades habitacionais que determinará o

---

<sup>7</sup> Atualmente, os critérios de pontuação adotados pela Leste I em relação às famílias dos grupos de origem são (cf. Cartilha do Regulamento Interno): Ocupação – Participação no ato da ocupação (10 pontos); Ocupação – Por cada dia de ocupação (5 pontos); Passeata (5 pontos); Reunião (1 ponto); Contribuição paga em dia (1 ponto).

número de *famílias* a serem atendidas. Quando há o atendimento, as *famílias* tendem a não mais participar do movimento, a não ser que sejam coordenadores.

É preciso ainda dizer que a definição das *famílias*, para o movimento e na sua organização interna, costuma ocorrer em oposição à coordenação ou lideranças. A Leste I tem sua base composta por *famílias* que são organizadas e geridas por sua coordenação – coordenadores dos grupos de origem, dos mutirões e da Leste I. Há, portanto, uma articulação constante entre famílias e coordenação, na qual as primeiras oferecem suporte político para as lideranças as representarem na *luta por moradia digna*, ao passo que a coordenação realiza um processo de coletivização (FILADELFO, 2009) dessas famílias, orientando práticas responsáveis pela conformação de um grupo social coeso em torno do mesmo objetivo, ou seja, a obtenção da casa própria. Mas essas relações são muito mais complexas e multifacetadas do que uma simples oposição pressupõe.

Os grupos de origem costumam existir nos próprios terrenos dos mutirões, ou em locais próximos a eles (principalmente igrejas) ou ainda em bairros onde há certo número de *famílias* interessadas em participar e considerado suficiente: a partir de cinco famílias, embora atualmente esse número seja em média superior a 100 *famílias* por grupo. Muitos dos próprios coordenadores da Leste I vieram de grupos de origem e ascenderam à posição atual; ele deixa, portanto, de ser *família* e passa a ser *coordenador*. Esse processo de ascensão é definido pela expressão *se destacar*. Porém, em relação a lideranças mais antigas, como o caso de Juliana, nem sempre esse processo se deu dessa forma. Juliana, por exemplo, veio de pastorais sociais e começou a participar da Leste I, sem nunca ter sido de um grupo de origem, assim como nunca participou de um mutirão nem conseguiu sua casa própria por meio do movimento. A essas lideranças mais antigas, que não *se destacaram*, era atribuído inicialmente o termo *apoio*. Atualmente, todas as pessoas que ocupam cargos de coordenação nos diferentes níveis da Leste I vieram dos grupos de origem.

Por outro lado, em muitos casos pode não haver uma separação muito clara entre *coordenadores* e *famílias*, como nos casos dos mutirões, em que os *coordenadores* são ao mesmo tempo *famílias* da *demanda*, ou mesmo em grupos de origem em que um/a coordenador/a pode ser eleito pelas *famílias*, mesmo ainda esperando obter pontuação para ser atendido.

Lideranças e coordenadores da Leste I tendem a utilizar bastante o termo *movimento*. No entanto, nos contatos com as *famílias*, o uso de *movimento* não é tão

recorrente para definir um pertencimento social e político. A principal expressão para se referir ao primeiro momento de contato com a Leste I, quando se ingressa em um grupo de origem, é *quando comecei a participar das reuniões*. As reuniões podem ser qualificadas como *de mutirão, de casas, de moradia, do grupo de origem*. Essa expressão é utilizada pelas famílias em referência principalmente a momentos de encontro e de mobilização específicos em momentos temporais igualmente específicos.

Esses grupos são tidos como a *porta de entrada*, justamente por ser quando uma *família* se cadastra na Leste I e passa a esperar o atendimento habitacional. Assim, essas reuniões podem durar bastante tempo até que saia uma vaga em algum empreendimento a ser construído em regime de mutirão com autogestão. Independente da duração do tempo, essas reuniões são vistas como fundamentais, seja por serem momentos e espaços de reflexão, seja por se iniciar o sistema de pontuação, a partir do qual pode-se ser sorteado para um próximo empreendimento.

Mas para o início da participação nas reuniões é necessário primeiro travar conhecimento a respeito da Leste I e de sua atuação para a conquista e construção de empreendimentos habitacionais. Um percurso muito comum é que se trave conhecimento a partir de alguma *conquista*, um mutirão já finalizado ou em andamento, o que acaba atraindo novos interessados, já que se confirmou a sua concreta realização. A conquista de mutirões é entendida pela coordenação como uma grande *vitrine* e atrai muitas famílias para a Leste I. Durante o mutirão e mesmo depois de concluído o empreendimento, inclusive pode ser que se constitua ali um grupo de origem.

Denise, por exemplo, ex-mutirante e agora coordenadora de outros mutirões e da Leste I residia próxima a um mutirão realizado nos anos 1990. A proximidade territorial permitiu que Denise conhecesse o mutirão e se interessasse em participar, mas não só o fato de morar próximo. Também os *boatos* de que haveria uma doação de casas. Os boatos, as conversas a respeito dos mutirões e, mais importante, a experiência de mutirantes conhecidos é que são o principal meio através do qual se sabe dos mutirões e se procura o movimento ou algum grupo de origem. Sabe-se das *reuniões* por se morar próximo a algum mutirão, ou por indicação de vizinhos, colegas de trabalho e familiares que estão participando ainda, ou já participaram, dos grupos e mutirões.

Sílvia, por exemplo, soube por sua *comadre* (madrinha de sua filha). Quando houve a inscrição para o Unidos Venceremos, a filha de sua comadre fez a inscrição e

sua mãe lhe falou. Outras narrativas também indicam conhecimento por meio de outras *famílias* já atendidas, assim como diretamente em algum grupo de origem.

Por outro lado, muitas novas *famílias* buscam *trazer* ou *chamar* mais pessoas – amigos, vizinhos e parentes:

Aí a minha cunhada já estava, uma das minhas cunhadas já estava, aí eu chamei minha outra cunhada, que é, seria cunhada dele [do meu marido], que é casada com o irmão dele. [...]

Quando eu fiquei sabendo do movimento, foi assim, é... tinha uma reunião, eu não tinha nada... Aí tinha uma reunião, a pessoa chegou em mim “Olha, vai ter uma reunião lá na Líder, você quer ir? É de casa”, eu falei “Eu vou” [...] Então, cheguei lá, ela falou “Não, estamos tendo vaga sim, você quer pôr o nome?”. Aí foi quando que eu comecei a participar da reunião, tanto que eu chamei uma irmã minha, chamei sobrinha, chamei muita gente, porque eu sempre falo que não é nosso. A gente tem que chamar quem precisa realmente.

Mas há uma maneira de se ingressar no movimento, muito frequente, que se revela de especial interesse para o aprofundamento analítico acerca dessas *famílias*: o fato de ser filho ou filha de mutirantes. Os filhos e as filhas de mutirantes, ou os *filhos de mutirão*, são um caso de especial interesse por serem responsáveis por reconfigurações familiares, uma vez que eles fazem ou fizeram parte de uma *família* inicialmente atendida e farão parte de uma nova *família* a ser atendida.

No caso do mutirão Unidos Venceremos, por exemplo, para o atendimento pela COHAB era necessária a declaração de renda familiar. Quem da família declarar seus rendimentos para a composição da renda familiar total, tem sua renda vinculada a esse projeto, não podendo mais ser atendido por nenhum programa habitacional. Assim, houve uma negociação com a COHAB para que o contrato fosse apenas com os titulares e os filhos fossem considerados apenas dependentes. Ao mesmo tempo, houve uma orientação às famílias para que não declarassem a renda dos filhos. Segundo Adriana, uma das principais coordenadoras do Unidos Venceremos: “Porque a gente não poderia vincular filhos, principalmente filhos maiores. Sendo que amanhã esses filhos poderiam casar, poderiam querer ter a sua casa, sendo que a gente tem uma demanda muito grande do movimento que a maioria é de filhos de mutirão.”

Portanto, muitos filhos de mutirantes também vão participar do movimento e ingressar em alguma *demand*a por atendimento habitacional. Nos mutirões onde fiz trabalho de campo, há muitos filhos de mutirantes de outros projetos da Leste I. Isso

demonstra que realmente a *família*, como categoria central, tem seu sentido extrapolado e mais uma vez está sujeita a contínuas redefinições. Por outro lado, o fato de muitos filhos de mutirantes participarem de mutirões posteriores leva à continuidade do movimento no sentido de reproduzir numericamente sua base.

Nesse sentido, as relações de parentesco são fundamentais também para o conhecimento e ingresso no movimento. Não só filhos de mutirantes ingressam no movimento, com o objetivo de obter uma casa própria, como também pais e mães, irmãos e irmãs, cunhados e até mesmo ex-maridos. Mas ainda é preciso um aprofundamento analítico sobre as perspectivas das *famílias* sobre a participação nas reuniões.

### **O tempo das reuniões**

Como vimos, há diferentes caminhos pelos quais os mutirantes conheceram a Leste I, mas a busca da casa própria é algo comum entre eles. No entanto, as decisões em torno de continuar até o momento de atendimento definitivo e as perspectivas sobre a participação e dificuldades enfrentadas vão além de apenas uma questão de classe social e condições de habitação. As diferentes perspectivas sobre o ingresso e permanência *na luta* sugerem mais uma vez a centralidade das famílias dos mutirantes na orientação de suas ações, mas também nos seus discursos, assim como um jogo contínuo de moralidades, reputações e atributos necessários para a *luta* que, ao mesmo tempo que produz coletividades (grupos de origem, mutirão, Leste I), têm o potencial de as colocarem em risco de dissolução (menos *famílias* dispostas a participarem) e também produzem solidariedades ou conflitos intrafamiliares em relação à efetiva participação.

As narrativas sobre a tomada de conhecimento sobre as reuniões e o início da participação sempre trazem receios ao mesmo tempo em que se aprende que será necessária paciência, perseverança e muita *luta* até se conseguir a tão sonhada moradia. Os receios no início das reuniões são assim elaborados por Maristela: “Meu ex-marido ficou sabendo, aí falaram para ele, e nós fomos para lá, aí nós começamos a frequentar as reuniões. ‘Será que é verdade ou não é verdade?’, aí nós entramos lá [...] Aí foi a gente viu que era sério mesmo, com 2 anos saiu”.

Se há boatos e conversas sobre os mutirões, o que atrai muitas *famílias* interessadas, igualmente há uma série de boatos, conversas e fofocas sobre experiências de outros ditos movimentos e associações que se aproveitariam da necessidade dessas

famílias para lhes cobrar dinheiro sem cumprir a promessa de construção de moradia popular. Por um lado, há uma pulverização de uma série de movimentos de moradia com atuação na zona leste; por outro, com um número maior de movimentos, abre-se mais possibilidades de atendimento por diferentes vias, o que acaba abrindo espaço para pessoas se aproveitarem dessas famílias que almejam a obtenção da casa própria. Como disse Juliana:

Com certeza, com certeza. Primeiro porque foi assim, quando nós começamos a fazer o movimento, por um bom tempo tinham poucos movimentos de moradia na cidade. Hoje há uma pulverização muito maior tanto para o bem quanto para o mal. Hoje a gente brinca como é impressionante a capacidade que os picaretas têm de trazer gente. E é isso. Vender ilusão fácil... a pessoa que se inscreve no grupo “ah, mas demora para sair a casa?”, você pode fazer duas coisas: mentir ou falar a verdade. Você pode dizer “ah, rapidinho a gente já tem um terreno em vista aí” ou dizer “não, é um processo longo mesmo, que tem que constar isso, conciliar aquilo outro, tem que ir atrás de governo e tal”. As pessoas que vendem facilidade acabam vendendo ilusão, mas elas vendem a ilusão da coisa fácil [...] A coisa do mutirão hoje assusta, hoje a gente percebe que a proposta do mutirão precisa ser renovada, precisa ser revisada porque ela assusta as pessoas: “Como eu vou ter que trabalhar na casa se todos os outros grupos estão oferecendo a casa pronta!?”.

Com efeito, há um público composto por famílias com precárias e/ou caras condições de moradia, que a todo o tempo buscam moradia, mas igualmente avaliam moralmente experiências de atendimento. Há sempre narrativas de casos de roubos de contribuições, de famílias enganadas etc. Com isso, há, principalmente por parte de interessados que não são parentes ou conhecidos de mutirantes, um receio em participar. Sempre são relatadas experiências de conhecidos que foram enganados por supostos coordenadores de supostos movimentos que só queriam obter dinheiro dos iludidos sem entregar a casa. Mesmo depois do ingresso, as novas *famílias* eram alertadas por conhecidos ou parentes de que eles iriam perder tempo e nunca conseguiriam a casa.

O caso de Suzana, mutirante do José Maria Amaral, é exemplar. Ela mora em São Mateus com seu marido e seu filho. Ela é da região de Anália Franco, mas teve a ideia de ir morar onde mora assim que casou, para economizar. Em Anália Franco, um cômodo com banheiro custa R\$1000,00, já onde ela mora, lugar com as mesmas condições, custa R\$300,00. Sua família acha muito longe, seu irmão diz que onde ela mora parece interior. Certa vez, almoçando com ela e mais algumas mutirantes que estavam à frente da coordenação dos mutirões Florestan Fernandes e José Maria Amaral, elas me

contaram uma série de histórias de desvio de dinheiro por coordenadores de outros movimentos. Roberta, outra mutirante, conta que uma vizinha participava de um movimento que a coordenadora levava as famílias para o terreno vazio, explicava como ia ser o projeto em detalhes, mas que depois sumiu com todo o dinheiro arrecadado. Quando Roberta entrou no movimento, por indicação de vizinhos, sua amiga disse que era roubada, que não ia dar em nada e não quis entrar. Agora, Roberta lhe disse que as obras já estavam começando, ao que ela se mostrou arrependida por não ter entrado e disse que no próximo cadastramento irá entrar.

Assim, da mesma forma que as *conquistas* são *vitruines* para o movimento e atraem novos interessados a cada dia, os coordenadores da Leste I a todo o tempo devem mostrar seriedade e credibilidade na atuação da Leste I, mostrando a este público que o atendimento efetivamente ocorrerá e buscando *lutar* com o apoio das *famílias* nesse sentido. Essas reputações são produzidas e disseminadas não só por seus coordenadores, como também por suas *famílias* que, uma vez atendidas, atraem mais conhecidos e parentes. Há, assim, uma verdadeira política de reputações (BAILEY, 1971; COMERFORD, 2003) num esforço contínuo de atração e continuidade da participação das *famílias*, que se manterá até o término dos mutirões. Mas, as avaliações em torno de ingressar ou não ingressar no movimento também levam em conta uma série de atributos necessários para a *luta*.

Duvidar se é *verdade* ou se o movimento ou o mutirão é *sério* mesmo, não ter *fê* que aquilo vá dar certo, são enunciados muito recorrentes entre as *famílias* quando se referem ao período das reuniões. É preciso, portanto, *acreditar* naquilo e, mais importante, não *desistir*, impulso a que muitos que entram nos grupos se entregam. Ricardo, por exemplo, irmão de uma mutirante anteriormente atendida de forma rápida, o que o atraiu a participar das reuniões, assim narra a necessidade de ingresso no movimento e o esforço de não desistência:

Aí você tem que caçar uma alternativa para ter uma moradia. E aí essa alternativa também não é fácil também. Você tem que lutar, você tem que sempre estar animado, nunca desanimar; você vê que muita gente desanima. A maioria das pessoas desanima. Você pode ver que muita gente, que quando começa a demorar, já desiste e pronto. Mas quem fica sempre consegue. Demora, mas consegue.

[...]

Mas eu entrei também, assim também... eu não botei muita fé não; aí eu continuei, continuei, chegou a hora que... aí o terreno saiu aqui, eu digo: “Ah, isso vai dar certo”. E

continuei, continuei, até quando eu vi, chegou a hora, que eu digo: É, agora vai mesmo. Mas, de meu tempo, muita gente desistiu.

A desistência pela demora do atendimento não só é efetiva entre as *demandas*, fazendo com que muitas *famílias* saiam e novas entrem, como é sempre uma possibilidade em aberto, que às vezes conta com o próprio desestímulo da família, como afirma Otávio:

A gente fazia reunião lá em Itaquera, lá perto da Adriana, até reunião na rua inclusive, na rua, na rua mesmo, fazia na rua, nós fizemos um bom tempo na casa da Adriana, ela abria as portas dela para fazer reunião, porque não tinha onde fazer... E assim demorava. Quem pensa que vai entrar numa luta desta aí achando que vai entrar hoje e amanhã ter uma casa... Então muita gente desiste porque não espera. Se fosse pela minha esposa mesmo, eu tinha desistido. Ela dizia: “Ah, você vai pra essa reunião aí todo domingo, isso não sai”. Aí eu podia ter desistido, aí não estaria com o meu apartamento.

Pedro, por exemplo, elabora uma temporalidade das reuniões e da espera que pode ser extremamente difícil e desanimadora:

Eu entrei no mutirão na melhor fase da minha vida. Entrei no mutirão, foi na hora certa, e eu morava de... eu cheguei a morar de aluguel, cheguei a morar de favor, quando eu era casado; e morando de favor, quando eu era casado, me falaram do mutirão lá na Juta. E aí entrei no Grupo da Juta [...] Entramos, não foi fácil, era reunião em cima de reunião, a gente pagava mensalidade, houve algumas ocupações que a gente participou. Ocupações na Mooca, ocupação em vários locais [...] e não dormíamos direito, era sair do serviço e ir para lá, às vezes sem tomar banho, sem comer. Houve ocupação também na Paes de Barros também, no Banco do Brasil, se eu não me engano, na Paes de Barros ali. E a ocupação da Paes de Barros também, lá no Banco do Brasil, dormimos também lá várias noites também sentados. E eu já era casado e tinha uma filha, e passou-se o tempo e reunião em cima de reunião, houve, houve um desânimo, mas sempre tinham pessoas que falavam: “Não, não desiste”. Inclusive, chegamos a visitar outros mutirões e visitando os mutirões também a gente começou a ver e a pautar que vale a pena esperar, sofrer, mas não foi fácil.

Essas narrativas elaboram dificuldades não apenas pela demora como também pela incerteza marcada temporalmente pela sucessão de reuniões, que não se sabe se terão resultado. Essas reuniões não se referem apenas às reuniões dos grupos de origem, mas também às reuniões da *demand*a, quando esta já está definida, mas a obra ainda não se iniciou pelos recursos ainda não terem sido liberados. Muitos mutirantes usam, não por acaso, o termo *tempo* para marcar esse período das *reuniões*: “nesse tempo”, “de meu tempo muita gente desistiu”, “até reunião na rua inclusive, na rua, na rua mesmo, fazia na

rua, nós fizemos um bom tempo na casa da Adriana”. Portanto, embora não seja um enunciado formulado assim por meus interlocutores durante o trabalho de campo, é possível falarmos num ‘tempo das reuniões’ em referência a esse momento considerado incerto, de muitas dúvidas, ainda que não haja uma linearidade muito clara entre o tempo das reuniões e o tempo do mutirão<sup>8</sup>. As narrativas acima tendem a combinar momentos cronologicamente distintos de maneira não linear a partir da paciência, do sofrimento, da não desistência. Momentos marcados pelas reuniões, pelo mutirão e por outras atividades do movimento, como ocupações e manifestações, vão e voltam nessas narrativas. Portanto, tanta *luta* não é marcada somente pela espera que às vezes parece interminável, mas também pelo sofrimento no trabalho do mutirão, cuja duração é dependente da liberação de recursos das instituições habitacionais.

Essa temporalidade concebida a partir de uma percepção que trata a demora do atendimento como inevitável e define a obtenção da casa como necessariamente resultado de tanto *tempo* e de tanta *luta*, de muito *sacrifício*, também é marcada por processos familiares, como o crescimento dos filhos. Paloma, por exemplo, mede sua paciência e disposição para continuar lutando, apesar de avisos contrários, a partir da idade da filha, mas também por uma tensão entre tanta *luta* e uma temporalidade estatal do atendimento habitacional, necessariamente demorada:

E foi onde que eu entrei aqui no mutirão. Quando eu entrei aqui, eu entrei em 2000, se eu não me engano acho que foi em 2000, a minha filha era pequenininha. A minha caçula que vai fazer 15 anos, [corrigindo] a minha mais velha que vai fazer 15. E foi uma luta também muito grande pra mim porque ele não assumia logo no começo, tudo era eu. O meu marido. “Ah, não vou não que eu tenho a minha casa, se vira” e eu “Não, eu vou me enfiar mesmo” e vinha. Trazia minha filha pequena, eu tinha muitas vezes que... a área hospitalar você sabe, sábado, domingo, feriado, é direto. Ele “Não vou não”, eu “Tá, então eu vou”, pegava minha filha pequena e vinha. E aí nós chegava... Eu tinha até um irmão meu, que era meu único irmão, morava ali na comunidade [risos] [referência a uma favela vizinha ao Unidos, onde ocorreu a entrevista], ele falava “Isso não vai durar não, isso não, sai daí Paloma”, eu “Não, vai sim, em nome de Jesus”. Chamei ele pra vir pra cá, muitas vezes,

---

<sup>8</sup> A inspiração aqui também decorre da noção de *tempo de acampamento* explorada por Nashieli Rangel Loera (2009, p. 23) em sua pesquisa sobre o MST: “O *tempo de acampamento* é um código social do mundo das ocupações de terra, na medida em que além de uma medida cronológica é também, um demarcador de prestígio, de *status*, um princípio organizador e ordenador das relações sociais, e um requisito para conseguir um lote de terra, tanto para participantes das ocupações e acampamentos de sem-terra, para os dirigentes das organizações que promovem as ocupações e para as autoridades encarregadas das desapropriações de terra, conformando assim uma fórmula social entendida e compartilhada por todos aqueles que fazem parte desse mundo social particular, o das ocupações de terra”.

“Ah, não quero ir praí não, que isso aí vai roubar dinheiro, isso não vai virar”. E eu falava “Eu vou”, era sol, chuva, feriado, sábado, domingo, eu não sabia o que era isso, eu vinha. Aí a gente fez a fundação, que foi a pior parte, que é a fundação. E aí, ao passar do tempo, ele começou a acreditar falando que vinha, tipo assim: “Eu só vou”.

[...]

E chamei uma amiga da gente também, falei “Não, vamos que vai ser certo”. E na época a gente não tinha um lugar certo de reunião, quantas vezes a gente fez reunião na casa da Adriana [risos]. Era coisa de louco, sabe? E hoje, assim, eu olho pra isso aqui, pra mim é uma vitória. Bloco por bloco que a gente tem aqui é uma história pra contar

[...]

Só que é uma coisa aqui que demorou muito porque depende do governo. Uma coisa que depende do governo, que depende de verba, então tudo isso é demorado. E muita gente não tem aquela paciência pra esperar. Aí muita gente fala assim “Ah, eu não tenho aquela paciência pra esperar, eu não vou esperar” e eu sempre falo quem precisa realmente tá do lado.

Há, assim, uma temporalidade que considera o tempo necessário ao atendimento como longo, de muita espera. Toda essa demora é geralmente por responsabilidade das instituições habitacionais, ou do *governo*. Assim, se estabelecem conflitos entre o governo e o movimento num esforço de diminuir a duração desse tempo. Esses conflitos são vivenciados e concebidos pelas *famílias* a partir de marcadores temporais e da intensidade da *luta*, muitas vezes desanimadora, mas que *vale a pena*. Como me disse uma mutirante certa vez: “a luta é longa, mas vale o sacrifício”.

É importante que se diga que a percepção sobre as causas da demora do *governo* é variável. Por um lado, conforme Paloma explicita acima, há um ponto de vista essencializador das instituições públicas habitacionais, sempre sujeitas às orientações do atual prefeito, abarcadas sob o temo *governo*, de que depender dele e de verba é necessariamente difícil e demorado. Outras narrativas tendem a considerar que o *governo* em relação ao atendimento habitacional seria naturalmente mais lento por não ter *vontade* quando se trata de *pobres*.

Por outro lado, há percepções de que essa temporalidade estatal é variável de acordo com quem está no poder. Como o Unidos Venceremos se trata de um mutirão com recursos municipais, quem estiver à frente da prefeitura determina como e quanto tempo vai durar o atendimento.

Essa temporalidade das reuniões para a qual é necessária muita *luta*, *disposição*, *paciência*, *fé*, e outros termos correlatos, assim como seriedade e credibilidade do movimento, implica também ou solidariedade ou conflitos intrafamiliares. Há

solidariedades quando o titular da *família* pode contar com a ajuda do seu marido ou de sua esposa para participar na sua ausência, quando há um revezamento em função de trabalho ou do cuidado dos filhos, ou mesmo de outros parentes que podem com ele coabitar ou não, como pais, mães e avôs e avós. Em relação à participação de um casal que a rigor não seria necessário, já que os pontos são contabilizados para toda a *família*, independente de quantos realmente estão nas reuniões ou nas atividades do movimento, Denise revela:

E a gente participava em dupla, era eu e meu marido. Agora que ele não participa mais, mas antes ele participava de tudo. Acabou a “Paulo Freire” para ele também... ele ficou lá, ele não quer mais fazer parte. Mas ele participava de tudo, a gente tinha acabado de casar, não tinha filhos. “Vamos para a ocupação” e os dois juntos, “Vamos fazer ato” e os dois juntos. Tudo que ia, ia sempre nós dois, ia nós dois para tudo. “Ai Vamos? Vamos!” e passava a noite lá “Vamos passar a noite”. Quando a gente ocupou lá o Casarão, a gente ficou semanas lá, e ficamos nós dois juntos.

Por outro lado, vimos como no interior de uma *família* há desestímulos e descrenças sobre a possibilidade do atendimento realmente ocorrer, principalmente de homens em relação à participação de suas esposas, mas não só. Mesmo que a pessoa que mais participe esteja querendo a casa para toda sua família, ou seja, todos que vão morar na unidade habitacional a ser construída, ela pode contar com desestímulos e não compreensão dos próprios futuros beneficiados. Isso pode resultar em apenas uma não participação nas reuniões e deixar o cônjuge participar sozinho/a, mas também pode ocasionar conflitos conjugais que podem levar a separações. A participação no movimento é, assim, indissociável das relações intrafamiliares.

Em tese, o tempo das reuniões dura para uma *família* o tempo necessário para que ela atinja a pontuação adequada ao atendimento. Mas mesmo assim, cálculos são feitos quando finalmente é atingida essa pontuação a depender de onde será o atendimento. Muito mais do que uma lógica habitacional, levando em conta a tão esperada casa, é um lógica territorial do que se trata aqui, da escolha de um determinado bairro onde se vai morar e de suas ofertas de serviços e infraestrutura, bem como da proximidade de suas relações sociais e sua fama de ser violento ou não. Muitas vezes, para se hierarquizar um bairro, não tão desejado, mas preferível visto a urgência de se conseguir um apartamento depois de tanta espera, é suficiente dizer que ele é *longe*, sem qualquer complemento.

O tempo das reuniões é marcado por muita *luta* e uma política de reputações que continuamente ocasionam realinhamentos do movimento, dos grupos de origem e das próprias *famílias*. Objetivamente, ele é medido pelo sistema de pontuação a que cada *família* está sujeita, mas ele também é medido em função de atributos necessários à *luta*.

### **Reputações, atributos e moralidades da luta**

A longa espera do atendimento e os conflitos com os poderes públicos para que esse tempo seja diminuído, os projetos habitacionais sejam mais bem desenvolvidos, os recursos de obra sejam liberados, terrenos sejam viabilizados para a conquista são concebidos como *luta*. Não é só uma luta objetiva com inimigos claros, mas uma luta que implica sofrimento, tensões familiares, dúvidas constantes. Na discussão anterior, vimos uma série de atributos para entrar e permanecer *na luta*: paciência, disposição, fé, acreditar, persistência etc. Por outro lado, esses atributos são sempre nomeados e concebidos em comparação aos que não os tem ou de termos moralmente negativos como *preguiça*, atribuídos muitas vezes à sua própria família,

Com efeito, durante o trabalho de campo ouvi recorrentemente que participar das reuniões, das ocupações, passeatas e do mutirão *não é pra qualquer um*. Como Gisele abaixo sintetiza:

Eu entrei no movimento por intermédio de uma colega que também trabalhava na confecção. Eu estava me queixando do aluguel, porque no Carrão, no Tatuapé o aluguel é muito caro. E ela falou que ela tinha conseguido um apartamento, que ela participou do mutirão, Fazenda da Juta. Aí eu perguntei que que eu tinha que fazer para conseguir também entrar no mutirão. Quando ela começou a me dar informação, ela enfatizou várias vezes que o sofrimento é grande. Participar de mutirão é pra quem tem raça. Se não tiver raça, chega na metade do caminho, chega no começo, desiste. Se você não tiver fibra, não vai até o final não. O sofrimento é grande. É árduo. Aí ela me deu o endereço da Adriana, que é nossa presidente do mutirão. Ela tinha um grupinho na casa dela que ela reunia, reuniões mensais. Ela me deu o endereço, eu fui lá. Aí a Adriana, eu não conhecia na época, mas ela falou que já no outro mês eu podia levar xerox dos meus documentos, comprovante de residência, pra ficar participando. Aí eu comecei a participar, depois logo, é... Tudo é pontuação: atividade, uma contribuição mensal pra poder iniciar. Então, eu não faltava, pagava tudo em dia, então logo teve uma vaga pra mim, que conseguiram esse terreno, pela minha pontuação que estava boa, eu consegui ser mandada pra cá. Aí eles mandam, se você gostou, quer continuar ali. Eu não tinha muita opção, também porque minha idade já estava avançando, então eu não tinha muito o que ficar escolhendo, um terreno no Parque do Carmo ou um terreno mais próximo. O primeiro que saiu foi esse, eu aceitei.

Assim, além dos atributos acima citados, também seria necessário para suportar o *sofrimento grande e árduo* muita *raça, fibra*. Outros atributos sempre elencados por mutirantes são *garra e coragem*. Certa vez, conversando com Adriana, quando perguntei sobre suas filhas não estarem no mutirão, a exemplo de muitos filhos de mutirantes que conheci, ela disse que elas não tiveram coragem. Uma de suas filhas, logo depois, um pouco em defesa própria, disse que não participou por falta de tempo para participar das reuniões e das atividades do movimento. Nessa pequena disputa de justificativas sobre a não participação, percebe-se uma tensão entre os atributos necessários e o que é considerado uma mera desculpa para a não participação: a falta de tempo. Afinal, como sempre dizem: *quem precisa realmente da moradia acha um jeito*.

Mas é claro que esses atributos acabam por se converter em reputações. Há os que os tem e há os que não os tem e isso produz distâncias sociais nas relações entre as famílias e entre os integrantes da Leste I. Os mutirantes que se reconhecem como detentores desses atributos, orgulham-se desse fato e sempre se comparam a outros igualmente necessitados, mas que desistiram da *luta* por não terem esses atributos. Ao mesmo tempo, há uma série de avaliações morais sobre as ações e posicionamentos de outras *famílias*, que nunca participam ativamente ou chamam outro parente para pontuar no seu lugar, ou que continuam *na luta*, mas sem vontade, aproveitando-se dos outros ou sempre criticando os coordenadores, responsabilizando-os pela demora sem se informar sobre seus motivos. Muitas vezes, separa-se e hierarquiza-se detentores e não detentores desses atributos pessoais pela oposição entre *ser de luta e não ser de luta*.

Embora esses atributos sejam muito reiterados e cultivados nos processos de coletivização pelos coordenares e apropriados e desenvolvidos mais por umas *famílias* do que por outras, às vezes eles estão implícitos nas narrativas. Muitas vezes, é o número de pontos adquiridos, o sofrimento para a sua aquisição e o tempo em que se os adquire que mede a disposição para a *luta* e a reputação de uma *família* como merecedora da *conquista* da casa própria. Geralda, por exemplo, reafirma sua reputação de nunca faltar, de sempre fazer o que tinha que fazer, cuja legitimidade pode ser confirmada por Adriana, a coordenadora do mutirão:

Aí fui, também desde esse tempo que eu fui pra lá, que eu vim pra cá, você pode perguntar pra Adriana, eu nunca tive uma falta em nada. Todos os atos que tinha lá eu ia; teve

invasão lá perto do Carrão, eu fui. Tudo que tinha pra fazer, eu estava, pra ganhar ponto, sabe?

[...]

Isso, pra poder marcar o ponto a gente fazia, a gente ia em caminhada, a gente ia em ocupação, tudo isso aí, viu? Era. Pra poder conseguir um terreno, pra ter o local pra construir. Aí a gente fazia passeata, aquele sol quente... andando. Um dia nós saímos da Praça da Sé, nós levamos 4 horas e 14 minutos da Praça da Sé pra chegar lá no Palácio do Governo, no Morumbi. A gente foi pela 9 de Julho, aqueles caminhos lá. Foi fácil não, o pessoal não andava tão devagar não, era andando muito rápido. Mas graças a Deus a gente chegou.

Ou Virgínia, já idosa, com problemas ortopédicos, o que limitava seus movimentos físicos, mas que nem por isso deixava de participar das passeatas, fundamentais para a obtenção de pontos e conseguir seu desejado apartamento:

Bom, eu nesta época eu morava no Ceará, aí eu vim, aí eu estava morando no apartamento que a minha irmã tinha [...], aí eu fiquei lá e logo que eu cheguei eu queria um apartamento aqui que saísse no meu nome. Daí eu: “Como é que você assistindo reunião ganhou um?”. Daí comecei a assistir reunião, e a Adriana era o apoio dentro dessa reunião, daí ela falou assim: “Olha sua pontuação foi muito boa, você já vai para obra.” Daí eu: “Já vou para obra”. Daí me trouxe para cá para obra e eu fiquei na obra e graças a Deus...

[...]

O pessoal falou que eu ganhei meu apartamento rapidinho, porque tem gente que passa 10, 15 anos para ganhar um. E eu graças a Deus, Deus me ajudou, eu tive sorte. Até essas passeatas que a gente fazia, eu tenho minha opinião, eu não gosto de faltar, mas eu ia sem poder, porque eu tenho problema nos dois joelhos.

[...]

Aí eu falava assim com aquele cara do carro de som, eu falava assim: “O senhor deixa eu ir no carro de som?” Aí ele: “Pode ir” Aí eu subia e aquela boleia era muito grande e cabia o motorista, eu e outra senhorinha que era deficiente, ia nós três na boleia e cabia nós folgado mesmo, porque eu não posso andar muito tempo não [...] e dói muito assim o joelho, muita dor e na coluna, mas graças a Deus estou aqui e estou gostando.

[...]

Dessas passeatas que tinha, eu nunca perdi uma, o ponto de nós esperar era a Praça da Sé, e quando ela chegava lá mais a turma eu estava já sentada no degrauzinho da igreja. Eu chegava primeiro, eu sou esperta. Ia ganhando os pontos, aquela pontuação ia crescendo.

Por mais que haja uma objetividade do sistema de pontuação, em que cada reunião, cada passeata, cada ocupação tem um número de pontos específico e seu acúmulo total seja responsável por conseguir uma vaga em um mutirão, esses pontos tendem a ser considerados e medidos muito mais a partir da persistência, do orgulho em não se faltar, de todas as táticas necessárias para sua obtenção e também da reputação

adquirida a partir deles, ou seja, dos atributos necessários à *luta*. Um enunciado, em particular, é bem interessante sobre a articulação entre os atributos que venho analisando e o sistema de pontuação. Guilherme, namorado de Adriana, já tem seu próprio apartamento, mas conheceu o mutirão em que sua sogra (“a avó do meu filho”) era mutirante e aos poucos viu que aquele mutirão tinha credibilidade (ele disse que no começo “não acreditava muito bem”). A partir daí ele passou a frequentar um grupo de origem para ajudar outras pessoas e indicou os grupos inclusive para seu irmão, que viria a ser mutirantes do Unidos Venceremos, onde Guilherme conheceu Adriana. Guilherme define uma teleologia do sistema de pontuação que recobre uma série de atributos a partir principalmente de ideias em torno de tempo e batalha, de etapas que se sucedem até a *conquista*:

Tem que tentar. Na vida a gente tem que tentar sempre alguma coisa. Você tem que ficar de olho pra não ser uma coisa que esteja perdendo tempo. Você tem que vigiar, você tem que correr atrás. Você tem que ir nas reuniões e entender como que são as coisas e aprender a esperar, porque isso aí é uma questão de tempo, não é tão rápido assim pra você conseguir as coisas na vida. É uma batalha. Tipo quando você entra numa faculdade ou numa escola pra estudar você vai de ano em ano, do primeiro até o último ano e batalhando, todo dia indo lá e tendo presença, se não você não tem nada, não é verdade? Aí eles conseguiram. Meu irmão, essa moça que conseguiu no Che Guevara; através dela, ela trouxe uma senhora que veio pro Paulo Freire. Essa senhora que trabalhou lá no mutirão das casas, ela falou que a moça era séria, que tocava o mutirão e a gente vendo, ela conseguiu a casa dela, então, porque os outros também não iam conseguir.

Os atributos *da luta* também são concebidos como responsáveis por uma divisão de gênero no interior do movimento. Tudo se passa como se as mulheres fossem portadoras preferenciais desses atributos em comparação aos homens. Há uma maioria de mulheres que participam dos grupos de origem, das atividades do movimento e do mutirão. Quando indaguei Adriana porque havia mais mulheres do que homens, ela me respondeu:

Porque... Metade a gente via que eram mulheres que não tinham marido mesmo. Eram sozinhas. Outras porque o marido não acreditava, achava que elas estavam indo por ir, não acreditavam na luta. Até por causa da história do mutirão, tinha uma história muito ruim do mutirão, antigamente. Uma história muito ruim das associações, umas associações que só pegavam o dinheiro das famílias, que nem ele [Guilherme, seu namorado, que também participou da entrevista] falou, não acompanhavam. Então o coordenador pegava o

dinheiro das famílias, deixava a família a ver navios, sumia. Então, muitas mulheres nossas sofreram por isso.

**Carlos:** E porque você acha que as mulheres acreditam mais, batalham mais nos mutirões?

Eu acho que por causa dos filhos. Principalmente. Eu lembro que quando eu entrei, foi muita briga, como eu falei pra você. Muita briga com meus patrões porque tinha uma atividade no governo municipal, tinha que ir. Principalmente os coordenadores, tinha que ir. E a maioria, tudo mulher. Porque a mulher pensa muito na família, principalmente quando é mãe de família, se tem filhos. Então, eu tinha o sonho de ter a minha casa. E eu queria muito ter um lugar para morar com meus filhos. Aquela vida de ficar pagando aluguel não era uma vida que eu queria. E principalmente onde eu morava eram dois cômodos só. Eu pagava aluguel e morava em dois cômodos e um banheiro. Então, pense, você morar, dormir num quarto com cinco filhos! Um em cima do outro! Então, eu olhava para aquela situação, eu ficava triste. Meu deus, será que um dia eu vou ter uma... Eu tenho que lutar pra ter minha casa, será que um dia eu vou ter uma casa, com um quarto só meu? Um quarto em que meus filhos vão dormir sossegados? Então, foi quando eu entrei no movimento, persisti e insisti.

[...]

Mas eu acho que é mais por isso mesmo, a mulher, ela insiste porque, mais por causa da sua vida, uma luta que você quer mudar totalmente, justamente por causa dos seus filhos, porque mãe sempre quer o melhor para os seus filhos. Então, essa luz do túnel que acenderam pra gente, que acho que o movimento é isso, essa brecha que o movimento deu pra gente, esse espaço que o movimento deu pra gente, nós abraçamos, a maioria das mulheres, porque era uma oportunidade única que a gente tinha, que a gente teve. De ter sua casa, de morar dignamente, de morar com seus filhos. De você poder dar um espaço físico de qualidade para os seus filhos. Então, por isso que eu acho que a maioria é tudo mulher. E eu vejo que tem muitas mulheres que são muito lutadoras mesmo. Quando elas acreditam, elas vão até o final, em busca daquilo que elas acreditam e principalmente daquilo que ela quer.

Na mesma entrevista que realizei com Adriana, Guilherme, seu namorado, fez uma análise semelhante:

Tem muitas mulheres que são muito melhor que qualquer homem pra lutar por certas objetividades. Inclusive você vê, nessas conduções, nesses trens da vida aí, a maioria é mulher trabalhando por aí. Às vezes deixa o marmanjo em casa, o marido em casa, às vezes sem fazer nada, e elas estão lutando, trabalhando, pra sustentar a casa. É o que você vê hoje em dia. Às vezes, indo pra escola, pra faculdade, enfim... Lutando. Tem muitas lutadoras mesmo.

Assim, há uma concepção de que as mulheres concentrariam mais os atributos necessários à luta. Ela *acredita*, *insiste*, *persiste* mais que os homens. As mulheres seriam mais *lutadoras*, ou como outras pessoas recorrentemente afirmam elas são *guerreiras*, de

*luta*. Vemos, assim, como os atributos da *luta*, já discutidos anteriormente, parecem ser basicamente femininos. Mas aqui não se trata apenas de uma diferença de gênero, entre homens e mulheres. A distinção dos atributos masculinos e femininos são pensados a partir da centralidade do cuidado e preocupação com os filhos mais pelas mães do que seus maridos, uma importância da maternidade na preocupação com o cuidado e o futuro dos filhos. Ao mesmo tempo, leva-se muito em conta a instabilidade dos laços matrimoniais se comparados à maternidade, o que é constatado por Maristela:

[A mulher] é mais envolvida é porque a mulher é mais assim, se preocupa mais onde colocar os filhos, tem que ter uma estrutura: “Como é que eu vou ficar pagando aluguel a vida inteira? E os meus filhos? E depois se eu morrer hoje e os meus filhos vão ficar onde?”. É isso que eu penso, estas coisas. Mas homem acho que não, acho que não está nem aí, mora em qualquer lugar, mora na casa da avó, eu acho que assim que eles pensam, a mulher não, a mulher ela é mais... Quer saber onde vai deixar o filho porque se eu faltar hoje, meu filho vai ficar onde?

Desde o início dos meus trabalhos de campo junto aos movimentos de moradia, em 2006, a maior presença de mulheres é marcante. Como mostram as narrativas acima e segundo a perspectiva de grande parte de meus interlocutores, tanto homens como mulheres, isso se justifica porque as mulheres acreditam mais na luta do que os homens e têm maior disposição para a luta, mas que sua maior participação é principalmente por causa dos filhos ao mesmo tempo em que há uma instabilidade dos laços matrimoniais. Nesse sentido, houve muitos casos de separação, já que os laços matrimoniais costumam ser representados como muito instáveis; além de haver uma coalizão muito maior entre mães e filhos do que entre pai e filhos.

A mulher costuma ser caracterizada principalmente pelo seu papel de mãe, sempre em oposição aos homens, menos preocupados com a família e com o destino de seus filhos. É justamente o laço de maternidade que define a mulher como mais vinculada ao domínio doméstico do que o homem. Nesse caso, há uma correlação direta entre a mulher, enquanto mãe, e a família, a casa e o cuidado com os filhos. Assim, é possível afirmar a partir das percepções dos mutirantes, que os laços consanguíneos entre mãe e filhos tendem a prevalecer e serem mais solidários do que os laços de conjugalidade, matrifiliação sobre alianças matrimoniais.

A caracterização da mulher como mais vinculada ao domínio doméstico do que o seu marido não é novidade nos estudos sobre família<sup>9</sup>, mas o que se pode apontar de diferença fundamental é como justamente essa maior preocupação com o domínio doméstico se converte em uma maior *disposição para a luta*, pois a *luta por moradia digna* é o que é melhor para os filhos. Isso se justificaria pelo fato do sonho da casa própria muitas vezes corresponder a uma estratégia para o bem estar familiar, para a qual ingressar no movimento pode ser fundamental, ainda que pareça ter uma prevalência da mulher em torno desse objetivo. Dessa forma, tem-se uma hibridação dos domínios público e privado, já que a mulher adquire um papel mais ativo no espaço público, nas ações dos movimentos, na reivindicação por moradia, do que os homens<sup>10</sup>.

Portanto, não é só de gênero que se trata, mas de interseções entre gênero e parentesco (PISCITELLI, 2006) que ocasionam essa distinção das mulheres enquanto mães em relação aos homens no cuidado dos filhos e a preocupação com a casa. Essa distinção leva a que as mulheres sejam compreendidas como detentoras dos atributos da luta muito mais do que os homens. Mas é claro que essa é uma narrativa dominante que leva em conta um modelo majoritário de participação. Há também homens casados que são os representantes de suas *famílias*. Sua participação *na luta* também é legitimada por sua preocupação com a casa e com os filhos, da mesma forma do que costuma ser atribuído apenas às mulheres e, como visto no caso de Otávio, citado acima, ele, mesmo sendo homem, está sujeito a críticas e desestímulos de sua esposa. Assim, não se pode essencializar essa distinção de gênero tanto no interior do movimento como nas relações de parentesco e familiares.

Por outro lado, as relações de parentesco ainda importam no desenvolvimento de atributos em outro nível relacional, que guarda uma aproximação com o cuidado com os filhos discutido acima: na relação entre mutirantes e seus filhos ou filhas que também se

---

<sup>9</sup> Os estudos sobre família rural no Brasil já indicavam uma divisão sexual do trabalho no interior da família, tomada como unidade de produção e de consumo. A mulher cuidaria do ambiente doméstico, dos filhos e teria uma participação no trabalho agrícola considerada quase sempre como apenas “ajuda”; já o homem estaria mais voltado ao domínio público e seria o responsável pela produção e consumo da família ou unidade doméstica, cf. Almeida (1986), Santos (1982), Seyferth (1974), Garcia & Heredia (1971), dentre outros. Os estudos sobre famílias de classes populares urbana indicam caminho analítico semelhante, ainda que a família não seja mais pensada por seu caráter de unidade de produção, mas por diferentes perspectivas, prioritariamente como unidade de consumo e de reprodução da força de trabalho, cf. Durham (2004), Fonseca (2000), Neves (1985) e Woortman (1982). Muita atenção é dada às relações internas da unidade familiar nas suas estratégias e aspirações a partir do trabalho, da educação e do consumo, como o sonho da casa própria.

<sup>10</sup> Ver Brandão (1994) e Stolcke (1994), que problematizam as relações entre homens e mulheres na divisão sexual no interior da família nos ambientes domésticos e públicos.

tornam mutirantes. Como a primeira geração conseguiu sua casa própria, é muito comum que se incentive a segunda geração a *entrar na luta*, ou *fazer sua própria luta* para que ele ou ela também consiga sua *casa* e constitua sua própria *família*. Mas não se trata apenas de um incentivo dos pais ou uma vontade concreta de obter uma casa própria. No caso de filhos de mutirantes, também eles mutirantes, ouvi algumas vezes que eles estavam lá não simplesmente por causa de seus pais, mas por eles terem atributos herdados de seus pais, eram *de luta* assim como seus pais.

Uma determinada vez, por exemplo, eu estava no Unidos Venceremos, quando ele já estava praticamente pronto e seus apartamentos em grande parte já ocupados pelas *famílias*. Devido à morte de uma mutirante solteira, seu apartamento ficou disponível e a “vaga voltou para a Leste”, ou seja, haveria um sorteio e o grupo de origem com maior pontuação indicaria sua *família* com maior pontuação para a vaga. O selecionado foi um homem que lá residiria com sua esposa e seus dois filhos pequenos. Nesse dia, ele foi conhecer o apartamento para decidir se ficaria ou não. Ele foi acompanhado de sua esposa, seu filho ainda de colo, sua irmã e sua mãe. Ele acabara, portanto, de sair de um grupo de origem e sua irmã já era mutirante do Florestan Fernandes, outro mutirão na Cidade Tiradentes. A mãe havia sido mutirante em um dos mutirões da Fazenda da Juta e estava visivelmente feliz e orgulhosa de seu filho ter conseguido seu apartamento. Acompanhados de Adriana, foram conhecer o conjunto habitacional e o apartamento. Adriana passou os detalhes da transição e dos gastos necessários à sua entrada no apartamento, já que ele estava entrando depois do quase término do processo (ainda faltava liberação de recursos para a plena finalização da obra). Ele aceitou se mudar para lá e a mãe falou e reafirmou para Adriana que toda a sua família era *de luta*, ou seja, tinham atributos reputados como causas do merecido atendimento, atributos esses partilhados entre todos os integrantes que se tornaram mutirantes.

Mas uma expressão enunciada por uma interlocutora talvez sintetize a apreensão de como esses atributos são transmitidos por descendência. Certa vez, conversando com Jessica, jovem mutirante com seus 24 anos. Ela estava “no mutirão” (na verdade no grupo de origem, antes da definição de sua ida a esse mutirão) desde os seus 16 anos, mesma idade de ingresso de seu irmão, também mutirante do mesmo empreendimento. Sua mãe foi mutirante na Fazenda da Juta e os “empurrou” para participarem logo aos 16 anos, idade mínima para participação, segundo o regulamento da Leste I. Segundo ela, isso não teria sido fácil, pois nessa idade eles queriam sair, curtir, não ficar participando

de reuniões. No entanto, ela considerava que estava “valendo a pena” ter ingressado no mutirão. Em certo momento da conversa, quando ela já havia me falado sobre sua mãe ser mutirante e de como ela os incentivou a participar do movimento, eu lhe disse ‘quer dizer que a luta está na família?’. Ela sorriu, pareceu concordar, mas me corrigiu enfaticamente: “A luta está no sangue”.

Essa expressão revela relações entre parentesco e *luta*. Talvez o ponto mais importante seja uma concepção de que os atributos da luta são transmitidos por descendência, pelo sangue. Tudo se passa como num enunciado com um encadeamento causal em que filho de mutirante também será mutirante, ou filho de quem *é de luta* também o será. Mas é claro que isso não é uma regra absoluta, pois já mencionei sobre filhos de mutirantes que não participam por não terem os atributos necessários ou, por outro lado, filhos adotados de mutirantes, como Pedro que trata sua mãe adotiva como grande inspiração para o seu ingresso no movimento. Ainda que não haja uma descendência consanguínea de fato, há uma forte aproximação com a afirmação *a luta está no sangue*:

As mulheres sempre nos mutirões. Eu não sei hoje, mas nos mutirões é sempre mais mulher que homem. Inclusive, a minha mãe, ela conquistou a casinha dela lá na Juta, no mutirão também. Então, maior exemplo que eu peguei foi minha mãe, a gente morava de favor no Jardim Parque Centenário, minha mãe começou a entrar no mutirão da Juta e entrou na Juta e eu trabalhando. Era mais novo inclusive, mas eu via a luta dela. Meu pai xingava ela quando ela chegava tarde, ela chegava cansada do mutirão. Que com tanto, minha mãe se separou do meu pai porque meu pai não quis saber de nada. Teve livre arbítrio de escolher a vida, minha mãe continuou na luta, minha mãe com 6 filhos, eu sou o mais velho, então eu via a luta da minha mãe e morei na casa da minha mãe antes vir para cá, então eu apalpei, apalpei que vale a pena entrar no mutirão. Minha irmã também é do mutirão também lá da Sapopemba também, minha irmã. Então assim, tem eu, minha irmã e minha mãe, que somos privilegiados de receber este presente aqui.

Embora ele seja adotado, sua irmã, filha consanguínea de sua mãe, também entra *na luta*. Os dois são inspirados por sua mãe, há assim uma transmissão desses atributos maternos aos seus filhos, mesmo que não seja tratada literalmente como uma transmissão por sangue.

*A luta está no sangue* ainda se refere a algo próprio a cada mutirante e, como tal, contribui para se compreender que há uma percepção de que os mutirantes e as famílias reputadas como *de luta* têm atributos que lhes seriam quase naturais, às vezes anteriores

ao ingresso em um grupo de origem, mas somente capazes de serem plenamente desenvolvidos *na luta*. É como se esses atributos fossem fundamentais na construção desses participantes enquanto pessoas.

Assim, a expressão *a luta está no sangue* também pode servir como uma analogia para se pensar o jogo de atributos e reputações necessários à luta, corporificados em cada uma dessas famílias *guerreiras, batalhadoras, de luta* e recorrentemente estimulados nas ações do movimento a partir das relações entre coordenadores e famílias.

### **Considerações finais**

*A luta está no sangue* sintetiza a série de questões trabalhadas em torno das *famílias* dos movimentos de moradia, especialmente da Leste I. A expressão refere-se aos atributos necessários para a *luta por moradia* transmitidos por descendência de mãe para filha, mas também à corporificação desses atributos, desenvolvidos em um longo período de espera, sacrifício, de persistência, de fé e credibilidade.

De um lado sangue, de outro luta. Na interseção dos dois, a compreensão dos diferentes usos, sentidos e efeitos do termo *família*.

O sangue remete a uma das formas de produção de parentesco e, conseqüentemente, de família. É a partir dos arranjos familiares sempre pensados em íntima relação com a casa, que os mutirantes ingressam no movimento com o intuito de obter sua casa própria. A continuidade de sua participação no tempo das reuniões, nas atividades do movimento, na entrada em um mutirão, no tempo do mutirão e os contínuos rearranjos familiares e de moradia que acontecem durante e depois de todo esse processo tem no sangue um ponto de apoio fundamental.

Mas se essa *família* pode se engajar no movimento por anos a fio, isso não quer dizer que a família a ser composta é a mesma da prevista inicialmente. Foi possível perceber que os arranjos familiares dos diferentes integrantes dos movimentos influenciam sobremaneira sua participação. É a preocupação com a família, com o destino dos filhos que pode levar alguém a participar. Tanto tempo devotado à participação, pode levar a uma série de conflitos que podem comprometer a unidade familiar. Participar do movimento leva em conta atributos necessários para a luta cuja presença ou ausência produz reputações como o eixo em que em uma das pontas alguém é definido como mais aguerrido, *de luta*, mais interessado e, na outra, mais acomodado, preguiçoso. Esses atributos e rearranjos têm nas distinções de gênero um apoio

fundamental, já que as mulheres são consideradas portadoras privilegiadas dos atributos de luta, ao mesmo tempo em que estão mais sujeitas a ciúmes e reprovações por seus maridos do que o contrário.

As relações familiares importam na participação das *famílias*, assim como de seus coordenadores, e são responsáveis pela continuidade ou desistência de uma *família*, mas também pela continuidade do movimento, uma vez que filhos e filhas de mutirantes também apresentam uma tendência a participar do movimento, por partilharem atributos da *luta no sangue*.

Portanto, em vez de se analisar os movimentos de moradia e a participação de suas *famílias* a partir de conceitos como cidadania, direitos e democracia, que em geral sempre pressupõem idealizações e avaliações sobre como os movimentos de moradia devem ser e agir, quais seus alcances e limites, a descrição etnográfica atenta aos processos em ato, tal como ocorrem, mostrou como eles são mais dinâmicos e incapazes de serem apreendidos apenas por esses conceitos ou de serem facilmente classificáveis e tipologizados<sup>11</sup>.

Tudo se passa como se todas essas relações visíveis a partir das *famílias*, mas costumeiramente invisibilizadas pela bibliografia, constituíssem socialidades que orientam a ação do movimento e contribuem para sua compreensão. Se a união de uma família é um ideal a ser seguido, o mesmo ocorreria em relação ao movimento e ao mutirão. Mas essa união deve ser a todo tempo trabalhada e problematizada pelos integrantes dos movimentos e dos mutirões e sempre está sujeita a conflitos de toda ordem. Como a *família*, independente de seus arranjos familiares e domésticos, tem dificuldade de obter sua casa, ela vai se familiarizar em conjunto com os outros integrantes do movimento, em que a solidariedade e o apoio mútuo contribuirão para que todos conquistem sua casa, em uma espécie de igualdade, mais ideal do que real, mas sempre acionada discursivamente.

---

<sup>11</sup> Em anos recentes, muitas pesquisas foram realizadas sobre os movimentos de moradia, com enfoques dos mais diversos, mas também sem interesses analíticos em torno dos sentidos de família. O conjunto dessa bibliografia traz questões relevantes e fundamentais para o entendimento desses movimentos. Por meio dela se mostra as relações com o Estado; avanços e retrocessos de políticas públicas habitacionais; preocupações em torno de conceitos como democracia, direitos e cidadania; os repertórios de ação coletiva dos movimentos; o papel dos movimentos em lutas para reverter segregações socioespaciais na cidade de São Paulo, como por exemplo a partir da reivindicação de muitos deles por atendimento habitacional nas áreas centrais e não nas periferias; dentre outros temas. Para um balanço dessa bibliografia, ver Filadelfo (2015).

Se a partir das *famílias*, mas também a partir das suas relações com os coordenadores, foi possível perceber atributos, moralidades e reputações em jogo, essas relações também perpassam a própria concepção a respeito do movimento, de outros movimentos de moradia, bem como do próprio Estado. Em vez de compreender, portanto, os movimentos de moradia em suas relações com o Estado e pela luta por moradia apenas a partir de conceitos como cidadania, direitos e democracia, ou pensar grandes questões urbanísticas, políticas e sociológicas em torno de moradia popular nas periferias de São Paulo, vimos como essas questões se articulam às práticas e discursos das *famílias* e coordenadores em uma chave de avaliações morais, atributos pessoais e coletivos, bem como de uma contínua política de reputações que levam à conquista da casa própria e à necessidade de *luta* incessante para dirimir o acentuado déficit habitacional na cidade de São Paulo.

### **Bibliografia**

- ALMEIDA, Mauro. “Redescobrimo a família rural”. *RBCS* 1 (1):63-83, 1986.
- BAILEY, F. G. (ed.). *Gifts and poison: the politics of reputation*. Oxford: Basil Blackwell, 1971.
- BAUMAN, Richard. *Story, performance and event. Contextual studies of oral narrative*. Cambridge: Cambridge University Press, 1975.
- BRANDÃO, Carlos R. “Parentes e Parceiros”. In: Antonio Augusto Arantes et al. *Colcha de retalhos: estudos sobre a família no Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994.
- CACCIA BAVA, Sílvio. *As ocupações de terra e a Igreja em São Paulo 1981-1985*. Coleção Cadernos CEDEC no. 13. São Paulo, 1988.
- COMERFORD, John C. *Como uma família: sociabilidade, territórios de parentesco e sindicalismo rural*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.
- DURHAM, Eunice. *A dinâmica da cultura: ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2004a.
- FILADELFO, Carlos. *A coletivização como processo de construção de um movimento de moradia: uma etnografia do Movimento Sem-Teto do Centro (MSTC)*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo, 2009.

- FILADELFO, Carlos. *A luta está no sangue: família, política e movimentos de moradia*. Tese (Doutorado em Antropologia Social). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo, 2015.
- FONSECA, Claudia. *Família, Fofoca e Honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2000.
- GARCIA, Afrânio & HEREDIA, Beatriz. “Trabalho familiar e campesinato”. *América Latina*, ano 14, n. 1-2, jan./jun. 1971.
- GONÇALVES, Andrea Leoncini et al. *O povo constrói a casa, o povo constrói a história*. Movimento Sem Terra Leste I. Trabalho de Conclusão de Curso (Serviço Social). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 1990.
- IFFLY, Catherine. *Transformar a metrópole – Igreja católica, territórios e mobilizações sociais no Brasil, 1970-2000*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.
- LOERA, Nashieli Rangel. *Tempo de acampamento*. Tese de doutorado. Campinas-SP: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Unicamp, 2009.
- NEVES, Delma P. “Nesse terreiro, galo não canta. Estudo do caráter matrifocal de unidades familiares de baixa renda”. *Anuário Antropológico 83*. Fortaleza: Edições UFC. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.
- PISCITELLI, Adriana. *Jóias de família: gênero e parentesco em histórias sobre grupos empresariais brasileiros*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.
- SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-1980*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- SANTOS, José V. T. Dos. *Colonos do Vinho. Estudo sobre a subordinação do trabalho camponês ao capital*. São Paulo: Hucitec, 1982.
- SEYFERTH, Giralda. *A colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim*. Porto Alegre: Editora Movimento, 1974.
- STOLCKE, Verena. “A Família que não é Sagrada”. In: Antonio Augusto Arantes et al. *Colcha de retalhos: estudos sobre a família no Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994.
- WOORTMAN, Klaas. “Casa e Família Operária”. *Anuário Antropológico 80*. Fortaleza/Rio de Janeiro: Edições da UFC/Tempo Brasileiro, 1982.